

UMA TÊNUE TENSÃO ENTRE CULTURA E POLÍTICA: ANÁLISE DO LIVRO “EDUCAÇÃO FÍSICA CULTURAL”

Vinicius Machado de Oliveira

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

Juliano de Souza

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

A obra *Educação Física cultural* faz parte de uma coletânea de livros, *A reflexão e a prática no ensino médio*, que tem como proposta refletir sobre a atuação profissional nessa etapa de escolaridade, considerando temáticas que circundam a prática docente nas mais diversas especialidades e que, além disso, estão em sincronia com a temporalidade histórica vigente. Partindo desse norte, o quarto volume da série contempla a Educação Física, trazendo como eixo articulador o aspecto cultural da disciplina. A elaboração do referido volume ficou a cargo do coordenador do Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), Marcos Garcia Neira, e contou com a participação dos demais integrantes de seu grupo, composto, sobretudo, por professores com experiência na educação básica.

Assim, divididos em nove capítulos, cada qual com autores diferentes, a obra em questão documenta alguns dos trabalhos desenvolvidos pelos integrantes do Grupo de Educação Física Escolar da FEUSP. As quatro primeiras seções organizam o conhecimento em torno da construção da cultura corporal, esquadrinhando o tema em relação à família, à escola, ao ensino, aos alunos, ao trabalho docente, entre outros contextos. Já os capítulos seguintes, na mesma semântica dos anteriores, ainda tratando da perspectiva cultural, apresenta encaminhamentos teórico-metodológicos para pensar a atuação pedagógica da/na Educação Física.

O primeiro capítulo, intitulado “O corpo, a família e a escola”, discute como o corpo tem multiplicidades de representações que são permeadas por códigos e práticas culturais que extrapolam os limites da compreensão biológica. Assim, os autores, com base na literatura, entendem que a sociedade é responsável por imprimir nos corpos comportamentos da vida social, que são transmitidos pelo processo de educação. Dentro desse contexto, na sociedade existem instituições como a família e a escola, que são elementos decisivos na formação dos indivíduos, inclusive em relação aos sentidos que os sujeitos atribuem aos seus corpos. É na relação familiar que a concepção de “corpo-identidade” começa a ser moldada, através do compartilhamento dos significados que instruem e regulam nos corpos os gestos, o comportamento e as maneiras como os sujeitos se identificam. Logo em seguida, o processo de escolarização dá continuidade à formação dos indivíduos, também evidenciando o poder desta instituição sobre os corpos que, por sua vez, podem ser modelados com vistas a atender a disciplina, a produtividade e a moralidade.

“A educação corporal” é o tema do segundo capítulo. Nessa seção, de maneira complementar à anterior, são abordados os aspectos que contribuem para esculpir o corpo na sociedade. Dentro da educação corporal, por muito tempo prevaleceram as orientações das ciências biológicas, a partir de conhecimentos mobilizados para delimitar o corpo considerado

ideal. O cuidado com a higiene, a modificação do biótipo, a lapidação das habilidades motoras, o desenvolvimento das funções psicomotoras sempre estiveram em primeiro plano. Contudo, questões mais latentes que transcendem os limites da jurisdição das ciências biológicas foram ou têm sido pouco exploradas na Educação Física, de modo que os marcadores sócio-históricos-culturais do movimento humano impressos intrinsecamente nas distintas práticas corporais ficam em segundo plano nas experiências de escolarização com a disciplina.

No capítulo seguinte, “Cultura juvenil e Educação Física”, busca-se compreender como a juventude é avaliada na sociedade e o que permite caracterizar os jovens em relação às suas manifestações culturais. Na esfera do senso comum, a fase da juventude é entendida como período delicado da formação humana e, não por acaso, ser jovem, no imaginário dos mais velhos, é, com frequência, associado a uma série de desfechos negativos. Todavia, não se pode transferir esse discurso ao trabalho docente, sobretudo, pela possibilidade de ele produzir reticências diante do ato de ensinar jovens. Além disso, contextualizar socialmente a juventude não é uma tarefa simples, já que as múltiplas realidades vivenciadas pelos jovens correspondem a experiências individuais. Diante disso, apontam os autores que a juventude é uma categoria social historicamente definida, influenciada por condições econômicas, étnicas, religiosas, de gênero etc.

A quarta seção do livro, “O ensino da Educação Física: dos métodos ginásticos à perspectiva cultural”, apresenta os principais métodos pedagógicos da Educação Física no decorrer do tempo. A Educação Física, em sua lógica de escolarização, remonta à Europa do final do século XVIII. Desde então começaram a surgir, de maneira gradativa e em íntima conexão com a dinâmica das configurações sociais, diferentes perspectivas de ensino: método ginástico; método desportivo generalizado; tecnicismo; abordagem desenvolvimentista; psicomotricidade; teorias críticas, crítico-reprodutivistas, crítico-superadora e emancipatória. Finalmente, surgiram as teorias pós-críticas, baseadas nos Estudos Culturais e no multiculturalismo crítico.

A implementação da cultura corporal como objeto da Educação Física na escola é assunto do quinto capítulo, “Concepções de cultura corporal e seus reflexos no ensino da Educação Física”. Os autores, nessa seção, apresentam como se deu a recepção do conceito de cultura corporal no campo da Educação Física, evidenciando quais correntes de pensamento influenciaram e permitiram emergir a noção de cultura corporal. Entre elas, destacam-se as teorias críticas e pós-críticas, que possibilitaram descortinar a visão reducionista das propostas que levavam em consideração apenas parâmetros biológicos e psicológicos do movimento, além da antropologia e dos novos campos conceituais do presente século, tais como o pós-modernismo, o pós-estruturalismo, o pós-colonialismo, o multiculturalismo e os Estudos Culturais, sendo esses dois últimos introduzidos no capítulo em tela a fim de serem explorados mais profundamente nas seções seguintes.

O capítulo 6, intitulado “Os Estudos Culturais e o ensino da Educação Física”, pretende esclarecer o que caracteriza e quais são os objetivos dos Estudos Culturais no campo educacional. Em suma, essa nova concepção pedagógica permite despertar nos alunos a sensibilidade de verificar formas de dominação e de poder na sociedade que estão sublimadas, além de considerar positivamente a diversidade, dar voz aos grupos minoritários, desconstruir as formas de dominação de identidade, diminuir as fronteiras entre o conhecimento acadêmico e escolar, entre outras iniciativas. Amparados nestes princípios, os autores finalizam o capítulo apontando para alguns encaminhamentos metodológicos que podem ser adotados nas aulas de Educação Física.

Seguindo com as correntes teóricas das abordagens pós-críticas, o capítulo 7 é apresentado com o título “O multiculturalismo e o ensino da Educação Física”. Nesse momento, os autores se dedicam a mapear as principais entradas e características do multiculturalismo crítico. De acordo com os pesquisadores, o multiculturalismo surge na sociedade considerada

pós-moderna e globalizada em resposta às tentativas de homogeneização cultural, como resultado das contendas entre aqueles que reivindicam reconhecimento e aqueles que tentam sustentar seus direitos como dominantes nos diferentes espaços. Essa situação, por conseguinte, se estende ao plano escolar, contexto que marca os primeiros contatos mais expressivos dos atores sociais com o diferente. Dessa forma, diante de uma multiplicidade cultural presente no ambiente escolar, cabe reconhecer as diferenças e apagar os resíduos de segregação, bem como das relações desiguais de poder. No que se refere ao campo da Educação Física, o multiculturalismo abre ainda a possibilidade de explorar práticas corporais pertencentes a qualquer grupo, reconhecendo as manifestações culturais dos diferentes.

No capítulo 8, “A tematização no ensino da Educação Física”, são trazidos alguns direcionamentos de como a Educação Física pode tematizar a aprendizagem sob o crivo teórico-cultural. No desenvolvimento desse capítulo, é evidenciada uma tentativa de aproximação da Educação Física cultural à pedagogia *freireana*, tendo em vista que ambas as perspectivas têm como premissa a valorização da experiência dos alunos, de modo que suas vivências insurjam como ingredientes essenciais para a tematização do ensino. Essa proposta de intervenção visa tematizar as práticas corporais dos grupos subalternizados, desnudando as formas ocultas de poder que se manifestam através da valorização das culturas hegemônicas.

Por fim, o último capítulo da obra, “A problematização no ensino da Educação Física”, discorre acerca da importância do exercício pedagógico de problematização e aponta como isso pode ser trabalhado. Ainda em diálogo com as contribuições de Paulo Freire, os autores consideram que o exercício de problematização pressupõe romper com os discursos naturalizados, colocar em xeque padrões de normalidade, fomentar o diálogo entre os sujeitos, incentivar a práxis na resolução dos problemas, considerar as diversas significações dos grupos sociais, promover a criticidade sobre a realidade etc. No âmbito da Educação Física, a problematização deve considerar a prática, o diálogo e a reflexão dos problemas associados às manifestações corporais.

Em seu conjunto, tal como podemos notar, o livro procura apresentar e afirmar um *modus operandi* para a Educação Física no Ensino Médio em conformidade com as incursões teórico-práticas do pesquisador Marcos Neira e de seu grupo de estudos no campo das teorias pós-críticas. O propósito é contemplado, especialmente ao elencar possibilidades alternativas de intervenção para a Educação Física a partir da perspectiva teórica do multiculturalismo, apontando insuficiências e limitações de abordagens que não privilegiam a totalidade dos grupos sociais que interagem na escola.

Não obstante essas contribuições, tanto o livro quanto o arcabouço teórico que o subsidia são depositários de um perspectivismo que confere excessiva autonomia à cultura em relação às demandas político-econômicas mais amplas nas experiências de escolarização. Em outras palavras, há uma sobredeterminação do domínio cultural em relação ao social, culminando paralelamente com a atribuição de uma margem de ação e liberdade elevada aos atores, desconsiderando as coerções que operam entre eles e fazem da escola e da Educação Física espaços saturados de dominação simbólica e de relações de poder conectadas intimamente às dinâmicas sociais mais amplas. Como subverter então uma ordem simbólica e cultural sem uma correspondente mudança da ordem política? Sobre essa questão crucial o livro passa aquém e, no nosso ponto de vista, ela é decisiva para a implementação de uma pedagogia realista e eficaz de valorização cultural das diferentes tribos e grupos que concorrem no espaço da Educação Física escolar.

Referências

NEIRA, Marcos Garcia (Org.). **Educação Física cultural**. São Paulo: Blucher, 2016.

Recebido em: 16/12/2016

Revisado em: 05/06/2017

Aprovado em: 25/09/2017

Endereço para correspondência:

oliveira_ym@hotmail.com

Vinicius Machado de Oliveira

Universidade Estadual de Maringá

Av. Colombo, 5790 - Zona 7

Maringá - PR, 87020-900